

# EDITORIAL

## A pós-graduação em Ciência da Informação: uma visão pessoal

Quando o antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) criou os seus cursos de pós-graduação, introduzindo em nosso acanhado ambiente biblioteconômico os conceitos e as metodologias da Ciência da informação, lá fora processavam-se as hostilidades entre bibliotecários e cientistas da informação. Nós ainda estávamos, à francesa, fazendo os questionamentos da Documentação como atividade acadêmica e científica.

De um lado, a ênfase no suporte informacional, no controle bibliográfico, na normalização documentária; do outro, a obsessão pelas leis da disseminação, pelo fenômeno da explosão da informação e por sua mensuração: sua epidemiologia, os canais da comunicação científica, a obsolescência, a bibliometrização dos estudos da literatura, a busca da afirmação da ciência pelos métodos quantitativos.

Norte-americanos e europeus chegaram a uma disputa profissionalista e corporativista de dimensões consideráveis; não conseguiram evitar o confronto e a cisão, formando associações próprias e excludentes.

No Brasil, tentou-se a fusão, nem tanto como estratégia ou como consequência de um processo de harmonização planejada, mas por falta de pressões sociais, por falta de tradição e até por desinformação. Como diria Sartre, pela "tradição do novo", que é típica das sociedades emergentes.

A Ciência da Informação chegou ao Brasil como disciplina acadêmica e, em certa medida, como atividade profissional, pela visão de uns quantos bibliotecários esclarecidos e progressistas. O papel do IBBB e de seus cursos de pós-graduação foi não só pioneiro como decisivo para a modernização do setor informatológico. Souberam atrair bibliotecários para tais cursos e, com menos sucesso, os especialistas de outras áreas.

Agora seria possível determinar o impacto que os egressados do IBBB provocaram em suas instituições, ou seja, no ambiente dos sistemas de informação. Era aquele, justamente, o momento em que tais sistemas e redes estavam sendo projetados e organizados, assim como era o exato momento em que o País começava a exigir a titulação em pós-graduação para a docência universitária, por força da legislação acadêmica em vigor, e o IBBB era a única instituição a oferecer tais cursos\*.

No Brasil, os confrontos só aconteceram a partir do final da década de 70, principalmente em torno da reformulação do currículo mínimo de Biblioteconomia, e nas discussões para a aceitação dos mestres em Ciência da Informação nos conselhos estaduais.

Ao contrário dos países desenvolvidos, os bibliotecários brasileiros continuam a ser formados por escolas de graduação, e os cientistas da informação, a nível de mestrado. Como se sabe e se lamenta, só a graduação confere diploma profissional no Brasil; a pós-graduação outorga títulos acadêmicos de mestre e de doutor. A rigor, pode-se concluir que não existe a profissão do cientista da informação no País.

Nem a suposta força renovadora criada pela Constituinte foi capaz de derrubar o *lobby* corporativista de nossa herança neofascista. No universo da interdisciplinaridade e dos estudos holísticos, o nosso modelo figura como retrógrado, anti-social e antinatural.

E o IBICT completa 28 anos de seus cursos de especialização - aliás o mais antigo em funcionamento ininterrupto no Brasil - e 20 anos de seu mestrado. Agora parte para o primeiro doutorado em Ciência da Informação na América Latina.

Cabe assinalar que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) acaba de reformular seu currículo de pós-graduação para torná-lo especializado também em Ciência da Informação e que os cursos da Universidade de Brasília (UnB) seguem, ao que tudo indica, o mesmo caminho.

Em síntese, a Ciência da Informação afirma-se no Brasil por intermédio da pós-graduação, através do treinamento, com seus desdobramentos no campo do planejamento e operacionalização de serviços de informação. As bibliotecas constituem o núcleo preponderante das instituições do setor de serviços de informação, e os bibliotecários são, ao que tudo indica, a maioria dos profissionais atuantes no setor.

---

\* Fica a sugestão para que seja feito um estudo do impacto dos cursos do IBBB na formação dos quadros docentes e profissionais brasileiros no setor de informação, no período.

As nossas instituições estão mais voltadas para a formação de "estoques de informação" do que para a sua análise e disseminação, como bem observou Aldo de Albuquerque Barreto. Uma das causas dessa deformação estaria no conteúdo curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia, que pregam a ideologia do serviço centrado no usuário, mas que concentram o ensino nas técnicas geradoras dos estoques. E caberia lembrar que o ensino ideal seria no âmbito da pós-graduação, sobre a base disciplinar dos estudantes, adquirida nas diversas áreas do conhecimento, a nível de graduação.

Como não existem perspectivas imediatas de mudança desse *status que* na nossa estrutura de ensino de terceiro grau, continuaremos a formar bibliotecários e, segundo as necessidades, a direcioná-los para os cursos de pós-graduação. Mas também será necessário atrair, em número crescente, profissionais de outras áreas para garantir o desenvolvimento de setores especializados.

Porém as barreiras são grandes. É difícil mudar a legislação, mexer com a cultura, com os interesses criados. Os salários são baixos, as oportunidades são escassas por causa do desaquecimento da economia. A indústria da informação brasileira ainda não explorou adequadamente o seu mercado potencial e enfrenta a concorrência das multinacionais do setor, com suas bases de dados planárias e o trunfo de novas tecnologias.

O espaço para a criação de serviços ligados à análise de informações com a participação de engenheiros, biólogos, matemáticos e outros tecnólogos e cientistas é ainda muito restrito no Brasil, seja pelo alto custo de sua produção, seja pelo mercado consumidor que é limitado e estagnado, em virtude da timidez de nossos projetos de P&D. As iniciativas e atividades no campo das Ciências Agrárias - para citar o exemplo mais notável -, a partir do final dos anos 70, não vêm tendo o desenvolvimento previsto e até mesmo têm sofrido cortes e retrocessos.

A perspectiva mais concreta vem sendo aberta para a participação de analistas de sistemas e de outros profissionais da área de Informática graças ao processo crescente de informatização/automação dos serviços bibliotecários e de informação.

Tais atividades agora não estão mais concentradas apenas no eixo Rio-São Paulo e Brasília. Surgem grupos de excelência em muitas cidades ao longo da costa e até no interior, ligados a universidades e a institutos de pesquisa, mas também, de forma crescente, aos governos estaduais e, mesmo, a municípios, assim como, em escala progressiva, no campo da iniciativa privada.

O Departamento de Ensino e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sediado junto à Escola de Comunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vem ajustando-se a essas realidades. A transformação do Curso de Documentação Científica (CDC) em cursos de conteúdo variado, orientados às necessidades específicas detectadas na comunidade, é um exemplo. O doutorado em Ciência da Informação será outro caminho, a partir de 1991, no afã de desenvolver pesquisas de alto nível, atraindo os melhores candidatos do País e da América Latina.

Na mesma direção é que está sendo instituído o Laboratório de Tecnologia de Informação do IBICT. Não seria possível desenvolver/adaptar tecnologia para o setor de informação apenas no campo operacional, no dia-a-dia da implantação de sistemas e serviços»

O desafio exige um esforço sistemático, planejado, teleológico, com o concurso de profissionais, não só do IBICT e da UFRJ, mas também de outras instituições, de forma consorciada,

A consolidação da pós-graduação no IBICT também exige a montagem de uma infra-estrutura mais sólida, que compreende a incorporação de pessoal com vasta experiência nas linhas de pesquisa programadas, além de assistentes com grande potencial, assim como espaço físico mais adequado. Não obstante as enormes dificuldades do atual quadro sócio-econômico e administrativo brasileiro, o IBICT vem contando com o apoio decisivo das novas autoridades do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a imediata implantação do projeto e com o entusiasmo e a dedicação dos professores do seu Departamento de Ensino e Pesquisa.

Como sempre acontece no fim do século, são muitas as previsões futuristas de mudanças nas tecnologias e no comportamento dos seres humanos. Deixando de lado as de caráter pessimista ou apocalíptico, é possível imaginar os anos 90 em uma sociedade informatizada, em cenário pós-moderno e pós-industrial.

Mesmo em uma sociedade ainda não plenamente desenvolvida como o Brasil, há que imaginar-se e adaptar-se às transformações em curso.

O IBICT não pode manter-se a reboque desse desenvolvimento tecnológico e humanístico, até porque a sua própria concepção correspondeu a tais anseios de renovação e atualização.

Como já foi dito com muita propriedade por Peter Drucker, em planejamento e em administração, o futuro é hoje, nas medidas e decisões tomadas aqui e agora.

A presente edição comemorativa dos 20 anos do curso de mestrado em Ciência da Informação do IBICT é a um tempo um reconhecimento aos que contribuíram, ao longo do período em questão, para a sua consecução e, também, uma afirmação e um gesto de confiança no seu futuro»